



16º Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais

Tema: “40 anos da “Virada” do Serviço Social”

Brasília (DF, Brasil), 30 de outubro a 3 de novembro de 2019

EIXO: MOVIMENTOS SOCIAIS E SERVIÇO SOCIAL.

CRISES ECONÔMICAS E ATUALIDADE DO PENSAMENTO DE MARX: POR QUE O PENSAMENTO DE MARX É TÃO ATUAL?

Kader Carvalho Assad¹

Thaise Torsani Lemos Machado²

Resumo: O presente artigo objetiva levantar categorias e organizar reflexões acerca da atualidade do pensamento de Marx. Partindo da obra de Eric Hobsbawm, *Como Mudar o Mundo*, uma coletânea de textos sobre o assunto, um estudo sobre a evolução e o impacto do pensamento de Marx e Engels até a crise econômica mundial que se inicia em 2008. Com isso, nos perguntamos, por que o pensamento de Marx é tão atual?

Palavras-Chaves: Karl Marx. Crises econômicas. Sistema capitalista. Pensamentos de Marx.

Abstract: The present article aims to raise categories and organize reflections about the actuality of Marx's thought. Based on the work of Eric Hobsbawm, *How to Change the World*, a collection of texts on the subject, a study on the evolution and impact of Marx and Engels thought until the world economic crisis that begins in 2008. With this, we ask ourselves, why is Marx's thinking so current?

Keywords: Karl Marx. Economic crises. Capitalist system. Thoughts of Marx.

INTRODUÇÃO

Este artigo trata de levantar algumas categorias e organizar algumas reflexões acerca da atualidade do pensamento de Marx, partindo da obra de Eric Hobsbawm, *Como Mudar o Mundo*, uma coletânea de vários textos escritos sobre o assunto, tendo em vista um estudo sobre a evolução e o impacto póstumo do pensamento de Marx e Engels até a crise econômica mundial que se inicia em 2008. Assim, tiramos os aspectos colocados da influência de Marx hoje e o que seu pensamento tem a dizer sobre crise e, logo nos perguntamos: por que o pensamento de Marx é tão atual?

Para isso, primeiramente precisamos compreender, segundo Hobsbawm (2011), como se deu o amadurecimento das ideias de Marx e Engels, os movimentos operários desde a década de 1890, a publicação e impacto do: *Manifesto comunista*, e d'*O capital*. Assim, entendemos que Marx foi o primeiro a analisar o mundo como o todo que é: ao mesmo tempo político, econômico, científico e filosófico, pois antes dele os filósofos consideravam o

¹ Professor com formação em outras áreas, Instituto Federal de Mato Grosso do Sul, E-mail: thaise.machado@hotmail.com.

² Estudante de Pós-Graduação, Universidade Federal de Mato Grosso, E-mail: thaise.machado@hotmail.com.

homem apenas em sua totalidade. Vale frisar ainda que os estudos feitos por Marx têm muito a dizer ao mundo, um século e meio depois de expostos.

Nesse sentido, para Hobsbawm (2011), aquilo que em 1848 um leitor imparcial poderia ver como retórica revolucionária ou, no máximo, como previsão plausível, pode ser considerado hoje uma caracterização concisa do começo do novo milênio. O mundo capitalista globalizado que surgiu na década de 1990 exibiu, em vários aspectos vitais, uma estranha semelhança com o mundo previsto por Marx no *Manifesto Comunista*.

Marx foi, durante muito tempo, um dos raros autores que se preocupou em falar do fenômeno da crise, colocava que eram inerentes e inevitáveis no sistema capitalista. Enquanto a maioria dos pensadores insistia na capacidade de harmonizar o mercado, colocando as crises em um segundo plano, como algo apenas casual e externo, Marx entendeu que o nascimento de uma economia internacional globalizada fazia parte do modo de produção capitalista e nos trouxe uma compreensão imediata de que o Estado era essencial para o triunfo do neoliberalismo quando os governos lançaram suas bases por meio de privatizações e desregulações sistemáticas.

Tivemos na história altos e baixos no quesito “aderência” aos pensamentos de Marx. Não bastava os liberais em tempos de “fartura” do capitalismo criticarem as ideias marxistas, as brigas entre os próprios marxistas, cada um com sua interpretação do que ele escreveu, também acontecia. Alguns chegam a falar que Marx não conseguiu realizar uma apresentação bem planejada, coerente e completa de suas idéias, demonstrando aí que não entenderam o verdadeiro legado que Marx deixou.

O que estamos tentando deixar claro aqui é que sempre que o capitalismo estiver passando por crises, Marx será lembrado, permanecerá sendo uma das grandes mentes da economia e filosofia. Por isso, entendemos que se faz necessário conhecer mais sobre Marx para compreendermos melhor o mundo e os problemas que devemos enfrentar, já que este não pode ser transformado se não for compreendido.

Hobsbawm é considerado por muitos um dos maiores historiadores do século XX, se consagrou internacionalmente como um divulgador incansável do legado intelectual de Marx. Autor de dezenas de livros, tem como principais obras a *Era das Revoluções* e a *Era dos Extremos*.

Em *Como Mudar o Mundo*, traz uma coletânea de vários textos escritos sobre o assunto: Análises de como se deu o amadurecimento das ideias de Marx e Engels, o período de recessão do pensamento marxista, os movimentos operários desde a década de 1890, a publicação e impacto do: *Manifesto comunista*, dos *Grundrisse* e de *O capital*. Finaliza com um estudo sobre a evolução e impacto póstumo do pensamento de Marx e Engels até o

auge da crise financeira mundial, em 2009. É desse impacto que vamos tratar aqui e tentar entender o porquê o pensamento de Marx é tão atual.

Marx foi o primeiro a analisar o mundo como o todo que é, ao mesmo tempo, político, econômico, científico e filosófico. Antes dele, os filósofos consideravam o homem apenas em sua totalidade.

Começando por aí, poderíamos destacar o que Barbosa (2011) afirma em uma entrevista com os três pilares fundamentais da herança de Marx, primeiro, a ontologia e o método dialético-materialista, que lhe permite superar a separação alienada entre a filosofia a ciência e entre teoria e prática; segundo, uma “ciência social histórica” sintética que tem por base a crítica da filosofia tradicional (idealista ou materialista contemplativa, fechada em si mesma e alienada da prática material) e a crítica da economia política (a mais típica ciência da “riqueza” burguesa); com a formulação da teoria da alienação, a transformação crítica da teoria do valor trabalho e a reprodução teórica desmistificadora da categoria capital (explicitando suas contradições, a exploração do trabalho, a produção de mais-valia, as leis de movimento e as crises do modo de produção capitalista, etc.); e terceiro, a perspectiva da possibilidade e necessidade prática da revolução proletária para superar de modo prático-positivo a autoalienação do trabalho, a vigência do domínio do capital e a existência alienada dos antagonismos de classe e da dominação de classe.

Vale frisar que os estudos feitos por Marx ainda têm muito a dizer ao mundo um século e meio depois de exposto. Às vésperas do século XXI, suas teorias ainda se fazem valer.

Hobsbawm (2011) considera que, em suma, aquilo que em 1848 um leitor imparcial poderia ver como retórica revolucionária ou, no máximo, como previsão plausível pode ser considerado hoje uma caracterização concisa do começo do novo milênio. De qual outros documentos da década de 1840 pode-se dizer o mesmo?

Antes mesmo de a crise estourar, já havia sinais claros de militância nas empresas e insatisfação pública, entre os trabalhadores, a velha tradição de “ir para as ruas” mostrando a importância de ela estar viva politicamente como na Argentina. Ainda havia fortes movimentos sindicais, em grande parte dirigida por homens e mulheres que haviam se formado na tradição socialista. Social-democrata ou comunista (HOBBSAWM, 2011).

A luta de classe colocada por Marx e Engels no *Manifesto Comunista* continua viva, principalmente nesse momento em que o capitalismo entra em mais um período de crise. Porém, estamos em uma fase peculiar da história dos movimentos operários.

Nas “economias emergentes”, em rápida industrialização, não há a possibilidade de um declínio da mão de obra industrial. Nos países ricos do capitalismo antigo ainda existem movimentos operários, embora busquem forças nos serviços públicos que, apesar das campanhas neoliberais, não mostram sinais de retração. Os movimentos ocidentais

sobrevivem porque, como previu Marx, a grande maioria da população economicamente ativa depende de seus salários e, por isso, reconhece a diferença entre os interesses dos patrões e assalariados. Quando surge conflito entre os dois lados, são resolvidos mediante ação coletiva, em geral por iniciativa dos assalariados. Ou seja, a luta de classe continua, apoiada ou não por ideologias políticas (HOBBSAWM, 2011).

Nesse contexto, o autor acredita que o nacionalismo politicamente étnico tem as melhores chances, uma vez que apresenta forte atrativo para os anseios políticos e xenófobos e protecionistas da classe operária: “nossa” indústria para nossa nação, não para estrangeiro; prioridade de emprego para os nacionais; abaixo a exploração pelo estrangeiro ricos e pelos imigrantes estrangeiros pobres etc. Isso tudo em uma época em que a globalização e o desemprego em massa se aliam.

A desigualdade social é ainda cada vez maior, tendo um entre ricos e pobres e divisão entre grupos sociais com interesses divergentes. Hobsbawm (2011, p. 371) coloca que não importa que chamemos ou não esses grupos de “classes”, quaisquer que sejam as hierarquias sociais, muito diferentes das de cem ou duzentos anos atrás, a política prossegue, ainda que só em partes como política de classe.

Attari, quando citado por Hobsbawm (2011), declara que, o número de pessoas que decidem o que acontece nessa economia é da ordem de mil, ou no máximo 10 mil. Marx acreditava que isso conduziria à supressão do capitalismo, previsão que para Hobsbawm ainda parece plausível, mas de uma forma diferente da imaginada por ele.

Fica claro que os movimentos operários continuam porque o Estado não está a caminho da extinção. O mercado mostra mais uma vez que não pode atender as necessidades da população e que o Estado é o único capaz de distribuir o produto social entre seu povo.

O mundo capitalista globalizado que surgiu na década de 1990 exibia, em vários aspectos vitais, uma estranha semelhança com o mundo previsto por Marx no *Manifesto Comunista* (HOBBSAWM, 2011).

Marx foi, durante muito tempo, um dos raros autores que se preocupou em falar do fenômeno da crise. A maioria dos pensadores insistia na capacidade harmonizar o mercado, colocando as crises em um segundo plano, como algo apenas casual e externo. Ele já colocava que elas eram inerentes e inevitáveis no sistema capitalista.

Ele entendeu que o nascimento de uma economia internacional globalizada fazia parte do modo de produção capitalista. Não negou que o processo traria a prosperidade e crescimento tão falado pelos economistas liberais. Mas colocou que viriam com ela violentos conflitos, crises econômicas e injustiça social generalizada.

Hobsbawm (2011, p. 378) completa que

[...] em vista do predomínio do fundamentalismo de mercado, a combinação de globalização e riqueza gerou também uma extrema desigualdade econômica [...] e, [...] devolveu o elemento de catástrofe ao ritmo cíclico básico da economia capitalista, incluindo a desordem.

Segue explicando que,

Isso acontece a despeito da expansão do conjunto da economia, criada pelo barateamento dos bens, este, por sua vez, recorrente do progresso tecnológico, o que aumenta a demanda e reabsorve em novas indústrias muitos trabalhadores que perdem o emprego devido a esse progresso. Daí a população cresce e a produção aumenta, o mesmo acontecendo com a demanda de mão de obra. Contudo, a “população excedente” se mantém, em decorrência da atuação do ciclo periódico de prosperidade e crise (HOBSBAWM, 2011, p. 378).

Contudo, tenta revestir a crise com um caráter funcional, colocando-a como um mal necessário ou como crises de crescimento, ou ainda, na melhor das hipóteses, como indicadores da incapacidade de o setor privado resolver seus problemas sem a intervenção do Estado.

Tivemos nas últimas duas décadas algumas crises, como a crise financeira do leste asiático em 1997 e a crise econômica Argentina em 1999. Em 2006, começa-se a se falar novamente em crise, dessa vez dos empréstimos hipotecários que começou nos Estados Unidos e que possuiu um grande potencial de se tornar a mais grave crise mundial desde a década de 1930. Em 2008, isso já é uma realidade.

Hobsbawm (2011) explica que o súbito colapso financeiro reabilitou o Estado como ator econômico, uma vez que tanto empregadores quanto trabalhadores pediram a seus governos que salvassem o que restava das indústrias nacionais e que, além disso, a grande crise econômica que começou em 2008, como uma espécie de equivalente da direita à queda do muro de Berlim, trouxe uma compreensão imediata de que o Estado era essencial para a triunfo do neoliberalismo, quando os governos lançaram suas bases por meio de privatizações e desregulações sistemáticas.

Porém, a atual crise financeira mundial deixa claro o fracasso da teologia do livre mercado global e obriga os governos a trabalhar ações públicas esquecidas desde os 1929.

Tivemos na história altos e baixos no quesito “aderência” aos pensamento de Marx. Não bastava os liberais em tempos de “fartura” do capitalismo criticarem as ideias marxistas, as brigas entre os próprios marxistas, cada um com sua interpretação do que ele escreveu também acontecia. Alguns chegam a falar que Marx não conseguiu realizar uma apresentação bem planejada, coerente e completa de suas idéias. Demonstrando aí que não entenderam o verdadeiro legado que Marx deixou.

A primeira grande crise de seus pensamentos veio com as denúncias a Stalin por Kruchev, em 1956. Grande parte da esquerda se viu decepcionada, fazendo com que o pensamento comunista se apagasse durante maior parte dos primeiros vinte anos do fato. Hobsbawm (2011) coloca que o fato ocorrido fez com que Marx se tornasse, a rigor, um homem do

passado. Continua falando que o êxito do liberalismo durante meio século fez com que o capitalismo perdesse as associações tradicionalmente negativas e ganhou outras positivas. Mas isso não quer dizer que os marxistas começaram a pensar da forma que os liberais queriam, que o capitalismo tinha triunfado para sempre e que a história tinha chegado ao fim.

Com as crises de escala mundial em 1997-2003 e a crise em curso que se prolonga de 2008 aos dias atuais, há um inegável renascimento do interesse pelas obras de Marx. Redescobre-se novamente que o capitalismo não é a solução e sim o problema.

Em outubro de 2008, o Jornal londrino *Financial Times* estampou a manchete “Capitalismo em convulsão”, não podia mais haver dúvida de que Marx estava de volta aos refletores (HOBSBAWM, 2011).

Marx foi considerado o pensador de maior "relevância atual", com os votos de mais de 500 mil espectadores e, em 2005, milhões de ouvintes de todo o mundo do programa "In Our Time" da rádio BBC elegeram Marx como “o maior filósofo de todos os tempos” (BARBOSA, 2011).

Não surpreende que capitalistas mais espertos, especialmente no setor financeiro globalizado, se impressionem com Marx, já que eles são necessariamente mais conscientes que outros sobre a natureza e as instabilidades da economia capitalista na qual eles operam.

Sempre que o capitalismo estiver passando por crises, Marx será lembrado, permanecerá sendo uma das grandes mentes da economia e filosofia. Faz-se necessário conhecer mais de Marx para uma melhor compreensão do mundo e dos problemas que devemos enfrentar, já que este não pode ser mudado se não compreendido.

Hobsbawm (2011) afirma que é extremamente improvável que essa “sociedade pós-capitalista” venha a corresponder aos modelos tradicionais do socialismo e menos ainda aos modelos de “socialismo real” de era soviéticos, bem como as formas que ela poderá tomar e até que ponto incorporará os valores humanistas do comunismo de Marx e Engels.

Vários aspectos centrais da análise de Marx continuam válidas e relevantes, Hobsbawm (2011) enumera que o primeiro é a análise da irresistível mudança dinâmica global do desenvolvimento econômico capitalista e de sua capacidade de destruir tudo quanto se antepusesse a ele, até mesmo aqueles elementos do legado do passado humano do qual ele próprio se beneficiaria, como as estruturas familiares. O segundo é a análise do mecanismo de crescimento capitalista, pela geração de “contradições” internas – surtos infindáveis de tensões e soluções temporárias, o crescimento levando a crise e mudanças, tudo produzindo concentração econômica numa economia cada vez mais globalizada.

Tanto a direita como a esquerda tem interesse de recorrer aos pensamento de Marx. Sua teoria econômica geral e sua análise do desenvolvimento capitalista devem, presumidamente , continuar a ser o ponto de partida para ambos os lados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com isso, por fim, Hobsbawm (2011) na conclusão do seu livro registra uma interessante síntese do seu pensamento.

Mais uma vez é óbvio que as operações do sistema econômico devem ser analisadas tanto historicamente, como uma fase da história, e não como seu fim, quanto de forma realista, isto é, em termos não de um equilíbrio de mercado ideal, e sim de um mecanismo integrado que gera crises periódicas capazes de transformar o sistema. A crise atual pode ser uma dessas. Mais uma vez, fica patente que, mesmo no intervalo de grandes crises, “o mercado” não tem nenhuma resposta para o principal problema com que se defronta o século XXI: o fato de que o crescimento econômico ilimitado é cada vez mais tecnológico, em busca de lucros insustentáveis, produz riqueza global, mas às custas de um fator de produção cada vez mais indispensável, o trabalho humano e, talvez, convenha acrescentar, dos recursos naturais do planeta. O liberalismo econômico e o liberalismo político sozinhos ou combinados não conseguem oferecer uma solução para os problemas do século XXI.

Não temos como prever o que acontecerá daqui em diante, porém a raiz da questão já foi posta. Para respondê-la, devemos fazer as perguntas de Marx. E é importante compreender que seus escritos não estão aí para ser tratados apenas como um programa político, mas também para entender a natureza do desenvolvimento capitalista.

Marx ainda tem muito a dizer àqueles que desejam que o mundo seja uma sociedade diferente e melhor do que a que temos atualmente. E nos deparamos então com apenas duas alternativas: ou o socialismo vinga como projeto ou a barbárie é certa.

“A atual história dos homens ainda é a pré-história da sociedade humana”.

Karl Marx

REFERÊNCIAS

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**. São Paulo: Boitempo, 2009.

BARBOSA, G. **Atualidade de Marx e Crise do Capitalismo**, Abril, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4.ed. Lisboa: edições 70, 2009.

FOLHA ONLINE. **Entenda a crise econômica pela ótica de Karl Marx**. 2009. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u454646.shtml>>. Acesso em: 10 de Fev. de 2019.

HOBBSAWM, E. J. **Como Mudar o Mundo**: Marx e o marxismo. 1. ed. Companhia das Letras, 2011.

MUSTO, M. A crise do capitalismo e a importância atual de Marx. In.: **Carta Maior**. 2008. Disponível em: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Politica/A-crise-do-capitalismo-e-a-importancia-atual-de-Marx/4/14529>>. Acesso em: 10 de Fev. de 2019.

SOUZA, Ana. A. A. A atualidade do pensamento de Marx. **Trabalho Necessário**. Ano 6. Número 6, 2008.